

Comunicação, decolonialidade e a possibilidade de fazer-mundo: uma crítica a partir de Malcom Ferdinand

Communication, decoloniality and the possibility of making-world: a critique based on Malcom Ferdinand

Comunicación, decolonialidad y la posibilidad de hacer-mundo: una crítica a partir de Malcom Ferdinand

Reges Schwaab

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
 <reges.ts@gmail.com>

Anna Júlia Carlos da Silva

Universidade Federal do Sul da Bahia (CFAC-UFSB)
 <annajuliacarlos@outlook.com>

Micael dos Santos Olegário

Universidade Federal do Sul da Bahia (CFAC-UFSB)
 <micaelolegario12@gmail.com>

Resumo

O artigo procura pensar a pesquisa em comunicação por uma chave ecológica e decolonial. Nossos apontamentos tomam como ponto de partida as reflexões de Malcom Ferdinand (2022), em *Uma ecologia decolonial*, sua crítica às ontologias e às epistemologias perpetuadoras da catástrofe, bem como suas proposições sobre como podemos sustentar modos de *fazer-mundo* calcados na emancipação e nas liberdades. Em especial, pensamos o horizonte da catástrofe socioambiental em sua capacidade de fricção na temporalidade imediata, demonstrando que narrar o nosso tempo significa atravessar os acontecimentos sem silenciar o passado colonial e os gestos de aniquilação do biodiverso, ou seja, modos de ser

Abstract

The article seeks to consider research in communication through an ecological and decolonial lens. Our reflections take as a starting point the thoughts of Malcom Ferdinand (2022) in *A Decolonial Ecology*, his critique of ontologies and epistemologies that perpetuate catastrophe, as well as his propositions on how we can sustain ways of making worlds grounded in emancipation and freedoms. In particular, we contemplate the horizon of socio-environmental catastrophe in its capacity for friction within immediate temporality, demonstrating that narrating our time means traversing events without silencing the colonial past and the gestures of annihilation of biodiversity; that is, ways of being that allow

Resumen

El artículo busca pensar la investigación en comunicación a través de una clave ecológica y decolonial. Nuestros apuntes toman como punto de partida las reflexiones de Malcom Ferdinand (2022) en *Una ecología decolonial*, su crítica a las ontologías y epistemologías que perpetúan la catástrofe, así como sus propuestas sobre cómo podemos sostener modos de hacer-mundo basados en la emancipación y las libertades. En particular, pensamos el horizonte de la catástrofe socioambiental en su capacidad de fricción en la temporalidad inmediata, demostrando que narrar nuestro tiempo significa atravesar los acontecimientos sin silenciar el pasado colonial y los gestos de aniquilación de la biodiversidad; es decir, modos de ser que permitan la resistencia y la

que permitam a resistência e a coexistência de distintos mundos, fruto de um deslocamento epistêmico dos pensamentos e animados pelo coração da ecologia. Por fim, pensamos como o jornalismo, pela ótica da cidadania comunicativa, pode ser uma dessas formas confluentes de narrar o Antropoceno.

Palavras-chave: Comunicação. Ecologia decolonial. Malcom Ferdinand.

for resistance and coexistence of distinct worlds, resulting from an epistemic displacement of thoughts and animated by the heart of ecology. Finally, we think about how journalism, from the perspective of communicative citizenship, can be one of these confluent ways of narrating the Anthropocene.

Keywords: Communication. Decolonial ecology. Malcom Ferdinand.

coexistencia de mundos distintos, fruto de un desplazamiento epistémico de los pensamientos y animados por el corazón de la ecología. Finalmente, pensamos en cómo el periodismo, desde la perspectiva de la ciudadanía comunicativa, puede ser una de estas formas confluentes de narrar el Antropoceno.

Palavras clave: Comunicación, ecología decolonial, Malcom Ferdinand.

Introdução

O presente texto busca refletir sobre a possibilidade de uma leitura crítica das práticas, das pesquisas e das epistemologias do campo da comunicação, considerando as emergências do contemporâneo, notadamente, a crise ecológica e as desigualdades socioeconômicas, de gênero, raciais e ambientais, que se manifestam em diferentes dimensões do cotidiano. Como horizonte de reflexão, o trabalho dialoga com as proposições de Malcom Ferdinand (2022) no livro *Uma ecologia decolonial*, buscando tecer caminhos e pensar algumas tensões que suas proposições oferecem para compreensões da pesquisa e das práticas comunicacionais no contexto da América Latina, especialmente na aliança com o pensamento comunicacional decolonial e a cidadania comunicativa. Em sentido ecológico, e, portanto, na ética das relações e das interações, interessa imaginar formas plurais de narrar no Antropoceno.

O Antropoceno, como nova época da Terra, emerge aqui como um hiperobjeto (BRIDLE, 2023), cuja compreensão depende: (1) do cotejamento da sua materialização no local, ou seja, nos territórios, nas paisagens e suas interações; (2) da acolhida da crítica e da assimilação da dimensão reflexiva dos distintos nomes dessa nova época da

Terra (*Negroceno*, *Plantacioceno*, *Capitalocene*, entre outros); (3) da habilidade de traçar mapas comprehensivos a partir das chaves da interseccionalidade (COLLINS, 2022) para produzir fricções capazes de reinventar formas de narrar e inscrevê-las em matrizes plurais. Nesse sentido, em especial, a ótica da cidadania comunicativa ressoa como uma força confluente em nosso campo.

Como argumenta Ferdinand (2002), é preciso atuar em um nível cosmopolítico, expondo um tipo de composição de mundo entre humanos e não humanos que se caracteriza, nomeadamente, pela exploração compulsiva e padronizada, ocasionando todo tipo de perturbação e degradação que nos levou a um cenário de emergência socioambiental planetária. Nossas práticas, portanto, requisitam a pluralidade de narrativas, de histórias, de nomes e de mundos em coabitacão. A força motriz, sugere o pensador, depende da nossa inscrição nas lutas feministas, nas lutas de resistência, nos movimentos contra a exploração humana e mais que humana, bem como na luta contra a miséria social acoplada a uma exclusão do mundo, como no caso das pessoas negras e escravizadas.

O texto, em tom ensaístico e reflexivo, surge do diálogo entre três projetos de in-

vestigação em andamento.¹ Em aliança, nos questionamos: Como pensar a comunicação, a construção e a investigação de mundos comuns? Como o horizonte de pluralidade e de justiça – social e climática – pode auxiliar no tensionamento dos nossos fazeres? E como as interseções que conformam a crítica decolonial podem fazer trabalhar nossas abordagens em outras direções, mais diversas e mais respeitosas com as coisas do mundo?

A partir de tais questões, nossa escrita apresenta três movimentos. Após a sinalização do espectro conceitual mais amplo do debate proposto, recuperamos brevemente ponderações sobre comunicação e decolonialidade, observando, em especial, as aberturas criativas e investigativas que o pensamento decolonial, com sua episteme crítico-utópica, oferta no contexto latino-americano. Com tais abordagens em foco, retomamos a tensão proposta pela ecologia decolonial e o enfrentamento dos atos de nomear e validar formas excludentes de viver e de pensar. Por fim, avançamos em algumas costuras e hipotéticos pontos de *de vir*, ou seja, em imaginações possíveis sobre futuros marcados por sensibilidades e fazeres calcados em um reconhecimento da interconexão, imaginando que de uma ecossociabilidade aberta possam, por fim, emergir proposições teóricas mais atentas aos desafios planetários.

Comunicação e decolonialidade

Pensar a comunicação a partir de uma perspectiva decolonial significa suplantar modelos unidirecionais, sustentados por

hegemonias e cujo foco seja a perpetuação do habitar colonial. O diálogo entre a perspectiva da decolonialidade e a comunicação é recente. A última década constitui um período de aumento de produções acadêmicas nesse entremeio, o que tem resultado na construção de uma teorização que se consolida gradualmente. Dentre as pesquisadoras e os pesquisadores que atuam nessa interface, iremos dar foco neste capítulo a alguns expoentes, participantes do Grupo de Interesse Comunicação-Decolonialidade da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIC): o boliviano Erick Torrico (2018; 2022), a brasileira Verônica Lima (2022), a argentina Valeria Belmonte (2023) e a mexicana Eloína Castro Lara (2024). A partir dessas referências, construiremos um percurso sobre o tema, que envolve uma contextualização histórica, os principais pensamentos e os horizontes para práticas outras.

Em nosso tempo, a decolonialidade tem chamado a atenção para a devastação produzida pelo modelo de vida estabelecido pelo padrão civilizatório moderno-capitalista, originado com o colonialismo europeu do século XV, que envolve o antropocentrismo, individualismo, liberalismo, consumismo, economicismo e produtivismo (BELMONTE, 2023). Nesse contexto, a comunicação – sobretudo o jornalismo –, como prática simbólica global, vem servindo à consolidação de hegemonias nos territórios onde foram estabelecidas as principais colônias, sustentando os imaginários e conceitos que conformam a racionalidade ocidental (LIMA, 2022). Desse modo, a própria estruturação da comunicação e do

¹ Suprimido para avaliação.

jornalismo, o que inclui características técnicas, valores e finalidades, está ligada à reprodução das problemáticas da colonialidade (LIMA, 2022).

Torrico (2018) observa a comunicação, em sua forma ocidental, como um processo de transmissão de conteúdos informativos mediado tecnologicamente, que opera algum grau de controle social ao acionar determinados efeitos em receptores massivos e/ou passivos. Para o autor, “a comunicação, assim, é reduzida a um recurso aproveitável pelo sujeito emissor, que se coloca acima e à distância de seus destinatários, os quais acabam objetificados, mesmo que possam eventualmente ser reconhecidos por alguma capacidade de discernimento”² (TORRICO, 2018, p. 76, tradução nossa). Essa forma instrumental e de exercício vertical de poder (TORRICO, 2018) incita a construção de um pensamento comunicacional crítico, capaz de tensionar as afirmações de conhecimento produzidas no *establishment* científico e que responda politicamente às posições geohistóricas assumidas pelos territórios colonizados (CASTRO-LARA, 2024).

Segundo Castro-Lara (2024), as tentativas de construção dessa resposta científico-social se originam no século XIX e se consolidam na década de 1950, quando emerge a crítica às condições de dominação e dependência socioeconômica e política na relação centro-periferia, com o surgimento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Mas é nas últimas décadas que se evidencia a possibili-

dade de conceber uma comunicação a partir de um horizonte narrativo diferente sobre o mundo, quando nos anos 1970 e 1980 desmontam as contribuições da comunicologia crítica latino-americana e da decolonialidade (CASTRO-LARA, 2024).

Na época, a proposta destacada é a denominada Comunicologia de Libertação do boliviano Luis Ramiro Beltrán, a única feita de maneira específica e explícita a partir da comunicação e em prol da emancipação (Torrico, 2022). Torrico (2022) aponta que Beltrán (1982) sintetizou nessa noção as aspirações de uma comunicação teórica e metodologicamente rigorosa, mas socialmente comprometida, que esquadriinha corajosamente o sistema social e possui força para questioná-lo e propor mudanças. Para o autor, atualmente o grande avanço comunicacional consiste em submeter o ocidentocentrismo a um julgamento crítico que exponha seus limites e exclusões, de modo que pense e aja fora do projeto da modernidade.

A decolonização da comunicação propõe um trajeto utópico para combater a segregação epistêmica e restabelecer uma comunicação humanizadora (TORRICO, 2018), desafiando a estrutura epistemológica hegemônica que sustenta o poder colonial instituído nas Américas, África, Ásia e Oceania (LIMA, 2022). Isso se configura em “reconstituir epistemicamente as formas de pensar, as linguagens, as formas, os objetos e o modo de ser no mundo dos atores comunicacionais que a retórica da modernidade desautoriza e que a lógica da colonialidade implementa”³ (CASTRO-LARA, 2024,

2 No original: “la comunicación resulta, así, reducida a recurso aprovechable por el sujeto que emite, quien se sitúa por encima y a distancia de sus destinatarios, los cuales terminan objetualizados pese a que se les pueda llegar a reconocer cierta capacidad para discernir”.

3 No original: “reconstituir epistémicamente las formas de pensar, los lenguajes, las formas, los objetos y el estar en el mundo de los actores comunicacionales y que la retórica de la modernidad desautoriza y la lógica de la colonialidad implementa”.

p. 51, tradução nossa). Logo, cabe ressaltar que a decolonialidade na comunicação é um projeto epistêmico e ontológico, pois adquire dimensões éticas, políticas, históricas e territoriais, uma vez que a colonialidade envolve os sujeitos, a cultura, o tempo e o espaço (CASTRO-LARA, 2024).

Como reforça Castro-Lara (2024), para além da reconceituação dos saberes comunicacionais, é preciso consciência crítica do olhar geopolítico na produção, circulação e apropriação do conhecimento, problematizando opções epistemológicas, teóricas e metodológicas em busca da recuperação e desconstrução das matrizes subalternizadas e do projeto identitário da área. Trata-se de preparar o terreno comunicacional para uma mudança nas coordenadas epistêmicas que articulem saberes que redefinam lugares, relações e formas de enunciação que temos enraizadas como parte desta comunidade epistêmica de comunicadores (CASTRO-LARA, 2024).

A visibilidade acadêmica de uma comunicação outra passa por uma crítica socio-discursiva, que disputa epistemicamente a razão, as significações, as interpretações e as possibilidades transformadoras dos processos comunicacionais (CASTRO-LARA, 2024). Desse modo, a interface entre comunicação e decolonialidade carrega como desafio o fortalecimento das insurgências decolonizantes no interior da dinâmica da tessitura da narrativa/do discurso, o que demanda a reflexão sobre a sua teoria e a sua prática (LIMA, 2022). Nessa lacuna se abre espaço para se contar outras histórias possíveis sobre a comunicação e sua conformação no ambiente simbólico-cultural, que passam pelo desafio suplementar de fazer circular essas narrativas/esses dis-

cursos utilizando as estruturas modernas já estabelecidas (LIMA, 2022).

Gestar esse projeto implica revisar a colonialidade do saber que se enraizou no espaço acadêmico comunicacional e, diante disso, propor uma postura ético-política que reconheça o que foi incomunicado e descomunicado e que devem emanar (CASTRO-LARA, 2024). Uma diferença fundamental na ideia de comunicação decolonial frente à comunicação instrumental ocidental é a sua finalidade humanizadora e comunitária, com processos de inter-relação significativa e igualitária (TORRICO, 2022). Nesse sentido, a comunicação é vista em sua natureza como possuidora de um potencial democratizador que a relaciona aos direitos, reciprocidades e pluralismo típicos de uma ação essencialmente dialógica e libertadora (TORRICO, 2022).

Para Belmonte (2023), o ato comunicativo precisa desmontar a lógica oposicional que caracteriza o pensamento ocidental para abraçar o paradigma da relationalidade, que envolve todas as entidades humanas e não humanas, reconhecendo que é assim que o povo se expressa, pronuncia e clama coletivamente. Trata-se de recomunalizar a vida, a partir do horizonte político transformador da comunicologia crítica, que permite a entrada de formas alternativas de existência social, de comunicação e de narrativas de outros mundos (BELMONTE, 2023). Em suma, a comunicação decolonial propõe uma reconfiguração teórica e prática, desafiando as estruturas epistêmicas que sustentam a ciência ocidental. Nessas recentes elaborações, observamos emergir caminhos para a construção de novas formas de ser e de saber, que priorizam práticas comunicacionais mais humanizadoras,

integradas e ativas, promovendo um diálogo horizontal entre as múltiplas vozes e realidades presentes no Sul Global.

A comunicação no navio-mundo

Reposicionar o olhar para a comunicação no contexto de uma nova época da Terra significa ampliar a tessitura e a abrangência das conexões, aceitando que narrar a experiência partilhada depende de alianças outras. Para o filósofo indígena Ailton Krenak (2020), faz-se necessário o estabelecimento de diálogos com outras cosmovisões, como perspectivas epistêmicas e políticas válidas para que os resultados catastróficos da crise ambiental em curso possam ser adiados. A partir de um movimento de desestabilização, Krenak (2020) convida a abrir o horizonte da imaginação para além das tradicionais formas ocidentais de pensar, enfatizando a importância de considerar modos plurais de constituição de subjetividades no encontro com o Outro, seja ele humano, animal ou um outro ente natural, como um rio ou uma montanha, por exemplo. A totalidade da paisagem e suas múltiplas temporalidades e interações emergem como convite e como desafio.

Seguindo essa trilha, é oportuno considerar a crítica oferecida por Ferdinand (2022) à dupla fratura da modernidade, resultado de uma construção sócio-histórica colonial, racista e machista, que leva à exploração de humanos e não humanos no contemporâneo – postura radicalmente oposta a um viver-junto. Como define o autor (FERDI-

NAND, 2022, p.33, grifo nosso), considerar a ecologia decolonial implica “[...] um deslocamento epistêmico dos pensamentos do mundo e da terra no coração da ecologia, ou seja, uma mudança de cena das produções de discursos e saberes”. Ao acolher a terra como uma matriz de mundos possíveis, o pensador caribenho faz um apelo em prol de alianças que possam romper com a política do porão negreiro, responsável por recusar direitos básicos e fundamentar formas de exclusão e marginalização social.

Como tarefa e compromisso para retomar as conexões com a natureza e a justiça social no Negroceno,⁴ Ferdinand (2022) defende um conjunto de gestos para *tomar corpo no mundo*, principalmente, considerando a realidade de grupos colocados em posições subalternas na sociedade moderno/colonial, como pretos, ameríndios, mulheres e pessoas com deficiência. “Trata-se de recompor nossos corpos fraturados, restaurando-os em suas relações com o mundo” (FERDINAND, 2022, p. 228). Para que tal movimento seja efetivo, é primordial entrelaçar e confluenciar as lutas anticoloniais, antirracistas, feministas e ambientais. Junto a isso, recuperar a dignidade de corpos relegados ao *porão do navio negreiro* demanda transformar as representações culturais, midiáticas e discursivas que depreciam tais corpos, ou seja, reimaginar os modos de fazer e pensar a comunicação. Ao mesmo tempo, esse movimento de fazer-mundo se relaciona diretamente com uma composição de relações políticas com humanos e não humanos – alianças –

⁴ Em sua reflexão sobre a *política do porão*, o Negroceno emerge como noção propulsora da crítica a um modo de relação operado pelo habitat colonial, pela dominação, exploração e destruição de pertencimentos e modos de ser. As mudanças ambientais são consequência desse mesmo sistema, um jogo produtivo uniformizado e em larga escala, dependente da escravidão colonial, subjugando violentamente esse Outro. “Uma recusa de mundo como modo de relação” (FERDINAND, 2022, p.73). Um Outro que não é o outro, é “o fora” (2022, p.72).

nos territórios afetados pelo habitar colonial (FERDINAND, 2022).

Feitas todas essas considerações, cabe tensionar qual seria a participação da comunicação no processo de construção da ecologia decolonial? Algumas pistas se apresentam claramente, por exemplo, na renomeação de lugares e territórios (FERDINAND, 2022), ato intrinsecamente discursivo e que adquire força a partir da linguagem e da comunicação. Para além disso, desde a perspectiva proposta neste trabalho, interessam-nos refletir acerca de como a práxis da cidadania comunicativa (TEIXEIRA, 2019), como metodologia da resistência, pode abrir uma nova trilha para se alcançar o deslocamento epistêmico da comunicação em direção ao *navio-mundo* e ao *convés de justiça* proposto por Malcom Ferdinand?

Os estudos em torno do conceito de cidadania comunicativa surgem a partir das lutas por direitos sociais e políticos na América Latina. De acordo com María Cristina Mata (2006, p.8), as imagens, discursos e representações midiáticas estabelecem “[...] regulaciones discursivas que expressam, instauram e reproduzem regulaciones sociales”⁵. Assim, elementos como a superficialidade, falta de aprofundamento e exclusão de determinados grupos e sujeitos nas mídias, entendidas como espaços de disputa de poder, contribuem para a consolidação de uma lógica mercantil

que resulta na inviabilidade da cidadania. Afinal de contas, se os apresentadores de um telejornal *sempre* são homens brancos ou se especialistas entrevistados *nunca* são mulheres pretas, de que forma tais sujeitos constroem em seus imaginários a possibilidade de ocupar esses lugares? Portanto, as lógicas hegemônicas de se produzir das mídias afetam diretamente a capacidade dos sujeitos de exercerem sua cidadania, conforme aponta Marco Bonito (2015) ao problematizar a produção de conteúdos informativos sem acessibilidade para pessoas com deficiência, o que inviabiliza o direito básico de comunicação dessas pessoas. Esses gestos excludentes colocam determinados grupos sociais em uma posição de *fora-do-mundo* (FERDINAND, 2022), a exemplo dos pretos confinados aos porões dos navios negreiros, ainda que não se configurem em violências diretas e/ou físicas.

Em sua tese, Thays Helena Silva Teixeira (2019) ressignifica o conceito de cidadania comunicativa a partir das experiências coletivas de resistência dos sujeitos e sujeitas do coletivo “Lagoas do Norte, pra quem?”⁶. Em diálogo com a perspectiva da transmetodologia de Alberto Efendi Maldonado (2011, 2015), a autora defende uma descentralização e um deslocamento da racionalidade positivista e funcionalista que impera sobre as formas de conceber a comunicação e as pesquisas feitas no campo, geralmente deslocadas das condi-

5 Tradução própria do original: “regulaciones discursivas que expresan, instauran y reproducen regulaciones sociales” (MATA, 2006, p.8).

6 O coletivo “Lagoas do Norte, pra quem?” é um movimento popular foi idealizado por comunidades tradicionais de Teresina, capital do Piauí, como forma de reivindicar o direito à cidade diante do Programa Lagoas do Norte (PNL), parte da agenda de sustentabilidade da prefeitura local, em parceria com o Banco Mundial, para urbanizar e revitalizar áreas de orla da cidade e transformar estes espaços em parques modernos – com o objetivo de promover a economia e o turismo local, mas que desconsideram os conflitos e os modos de vidas dessas comunidades. “O coletivo é uma organização popular que trabalha em estratégias de visibilidade para apontar o caráter arbitrário do Programa Lagoas do Norte com os moradores dos bairros afetados e de como o PLN não considera as características sociais e antropológicas das pessoas que residem naquele espaço urbano. Além disso, constitui um projeto de militância permanente na luta contra a remoção das famílias que vivem naquela região” (TEIXEIRA, 2019, p.89).

ções históricas, sociais, políticas e sensíveis da vida. Assim como Malcom Ferdinand (2022), Teixeira utiliza a *metáfora de um corpo* para descrever as diferentes dimensões da práxis metodológica de resistência pela qual as pessoas do coletivo produzem e ressignificam a comunicação, seja ocupação de espaços nas ruas e ou pelas manifestações em diferentes esferas midiáticas de produção sonoras, textual e audiovisual. Em outras palavras:

A metodologia da resistência, portanto, parte do entendimento de que a vida social cotidiana é intrinsecamente complexa e constituída em narrativas igualmente complexas, que integram sujeitos e ambientes em tessuras diversas. As figuras metodológicas são processos organizativos e se configuram na dialógica resistência, não fora delas. Elas resultam, consequentemente, de percepções de complexidade dos coletivos sociais, das demandas que eles constroem de e para si. A metodologia da resistência é um movimento que não nos tranquiliza. Pelo contrário, tem o propósito de suscitar ideias, de mover corpos, sujeitos e cidadania comunicativa (TEIXEIRA, 2019, p.174).

Desde uma perspectiva transmetodológica, a metodologia de resistência da cidadania

comunicativa interliga dimensões epistemológicas, teóricas, metódicas, técnicas, e sensíveis⁷, configurando-se como uma crítica à comunicação e à própria forma de produção do conhecimento científico (TEIXEIRA, 2019). Concómitante a esse convite à abertura para outras cosmologias e formas de saber, a autora e os coprodutores de sua pesquisa (os membros do coletivo) nos provocam a considerar o afeto como potência comunicativa, presente nas palavras, atos e na autoconstrução da cidadania e dos direitos de existir no mundo. “É o afeto uma das mais contundentes e vigorosas formas de interação e comunicação humana” (TEIXEIRA, 2019, p.153)”. Adotar essa posição e trilhar esse caminho transformam a visão da comunicação, abrindo caminhos para se considerar a dimensão dialógica desta como um elemento central para a constituição de um *fazer-mundo* (FERDINAND, 2022) baseado justamente na justiça social, considerando a diversidade dos sujeitos, as desigualdades que os afetam, bem como as suas lutas por direitos.

Para Malcom Ferdinand (2022), colocar a luta ecológica no centro dos debates sobre justiça não pode representar esquecer o mundo e buscar a construção de um paraíso, a exemplo da realocação de uma comunidade urbana para a construção de um parque natural. A inaptidão em considerar os sujeitos, seus corpos, suas demandas como

7 Para facilitar a compreensão dessa articulação em diferentes dimensões, cabe ressaltar a elucidação oferecida por Teixeira (2019, p.148): “Na dimensão teórica, as noções de cidadania e cidadania comunicativa são necessárias para que tenhamos acesso aos processos de tomada de consciência cidadã e que se figurem a práxis nos contextos históricos e de suas contradições. A dimensão técnica nos apresenta as ferramentas possíveis para ascender a esses mecanismos de tomada de consciência para o exercício da cidadania comunicativa, assumindo o ato de resistir como ferramenta. A técnica é um elemento dos movimentos, que não é rígido e engessado, mas múltiplo e aberto nos contextos socioculturais. Na dimensão metódica, a transmetodologia se torna condição existencial, bem como a sistematização das estratégias comunicativas para resistir e seus complexos procedimentos de instituição. Na dimensão epistemológica, a metodologia da resistência questiona os processos tradicionais de entendimento do pensamento científico, reforçando o papel dos sujeitos na produção, consumo e distribuição dos saberes formais e não formais. E por último, a dimensão do sensível, em que a articulação da compreensão dos problemas, dos sujeitos e de suas demandas são fatores determinantes para a construção das práticas comunicativas da resistência e dos resultados que elas alcançam; eles são parte do que é reivindicado, reelaborado, desconstruído e reconstruído”.

componentes do tecido multidimensional da comunicação, como nos provoca Teixeira (2019), aponta a necessidade de trilhar um caminho em direção à uma cosmopolítica de relação nos processos midiáticos e na comunicação, entendendo esta como essencial para a composição de outras estéticas e narrativas-florestas. “Compor com pluralidade diante da tempestade ecológica implica considerar nas escrituras do mundo a presença de outros além de mim sobre a Terra” (FERDINAND, 2022, p.256). Nesse caso, a comunicação prescinde das relações coletivas entre e com humanos e não humanos.

Ainda que produzam em campos e lugares distintos, Ferdinand (2022) e Teixeira (2019) tratam de questões que convergem: tais como as formas de existir e resistir diante de desigualdades que afetam os direitos das pessoas na sociedade moderna. Ademais, a crítica feita por Ferdinand (2022) da fratura entre as questões ambientais e sociais, raciais e econômicas, encontra na cidadania comunicativa, enquanto uma metodologia de resistência, uma chave teórico-epistemológica para se questionarem as lógicas hegemônicas de exclusão, de recusa do mundo e de um viver-junto, que também se manifestam na comunicação, quando as mídias narram lutas de movimentos sociais de forma descontextualizada (como invasões e não ocupações), ou narram inundações, enchentes e temporais como desastres naturais, escondendo as origens e responsabilidades da colonialidade e do capitalismo na crise ecológica em curso no planeta.

Fazer-mundo na e pela comunicação

O fazer-mundo requer confluências que possam superar a crise ecológica e que é,

também, uma crise de justiça. Como propõe Ferdinand (2002), ao lado da urgência ambiental e da necessidade de limitação do aquecimento global, do fim da destruição da biodiversidade, estão outras urgências: “de uma redistribuição mundial das riquezas e de uma justiça social; da tarefa decolonial de reconhecer um lugar digno no mundo para os povos originários, para os ex-colonizados e para as pessoas racializadas; e de uma igual consideração social e política das mulheres” (FERDINAND, 2022, p. 267). Fazer-mundo, portanto, é unir ecologia e justiça, a partir da capacidade de imaginar e de narrar futuros potenciais. É como pensar uma comunicação semente, assentada em alianças de distintos narrares.

Como outra confluência possível entre a ecologia decolonial e a comunicação, cabe considerar a proposição de um giro decolonial nos estudos sobre mídia e deficiência de Felipe Collar Berni e Alberto Efendi Maldonado (2024). Em sua argumentação, os autores defendem um contra-ataque epistêmico e teórico pela perspectiva da confluência de saberes e da cidadania, movimento esse capaz de desfazer a construção social da deficiência, engendrada por uma série de violências, padronizações e preconceitos característicos do projeto moderno/colonial.

A perspectiva decolonial nos provoca e estimula a conhecer esse Outro(a/e) a partir de narrativas próprias, capazes de revelar faces e subjetividades das pessoas com deficiência que o projeto hegemônico de sociedade máscara ao silenciar e/ou terceirizar suas vozes para tutores, ao pautar a vida desse grupo apenas nos limites da deficiência e assemelhar experiências de vida

tão diversas como numa só (BERNI; MALDONADO, 2024, p.9).

O convite a um pesquisar-junto e de uma descolonização na comunicação em relação às deficiências indica a necessidade de aleijar teorias, metodologias e práticas, com o estabelecimento de alianças entre pessoas com e sem deficiência (BERNI; MALDONADO, 2024), remete ao descentramento nas escritas de mundo, um dos gestos necessários para a construção de um navio-mundo de justiça social (FERDINAND, 2022). Tomar uma posição de alteridade para com os corpos diversos de humanos (BERNI; MALDONADO, 2024), incluindo os não humanos, compreendendo as matrizes coloniais e modernas que os afetam (FERDINAND, 2022), permite abrir a comunicação para outras histórias, desestabilizando fronteiras, costurando novos enredos em uma encruzilhada de saberes, corpos, experiências de mundo, temporalidades e estéticas (LIMA, 2023).

Buscar brechas e abrir-se a contradições, fugindo de dicotomias e considerando as dimensões sociotécnicas da vida são alguns dos pressupostos da prática político-intelectual das encruzilhadas na comunicação (LIMA, 2023). Ao enfatizar a necessidade de justiça social e ambiental ocuparem o mesmo patamar das lutas por igualdade racial e de gênero, Ferdinand (2022) propõe uma racionalidade sensível e pautada por alianças em prol da dignidade de todos os seres, ou seja, encruzar e confluir as lutas pela valorização da vida de humanos e não humanos, principalmente de grupos marginalizados pelo habitar colonial. Essa perspectiva aparece

também nas reflexões de Enrique Dussel (1998), na sua defesa de uma nova ética que inclua a defesa ontológica de direitos e da vida.

A comunicação prescinde de uma dimensão sensível e corporificada no cotidiano de tomar posição no mundo, resistir na e pela comunicação (TEIXEIRA). “Suleado/as” por essas provocações e considerando que “[...] a potencialização da vida deve ser a base da posição epistêmica da(o) comunicador(a)/pesquisador(a)/cidadã(o), o que inclui relações interpessoais e até a escolha de palavras e gestos” (LIMA, 2023 p.134), significa construir narrativas decoloniais, denunciando as fraturas moderno/coloniais (FERDINAND, 2022) nos processos midiáticos, por exemplo, na produção de notícias e reportagens, em campanhas publicitárias, em diagramações e editorações, e primordialmente, no comunicar com e junto ao Outro/a/e.

Para Ferdinand (2022, p. 150), fazer-mundo envolve incluir no registro discursivo o pensamento social e político crítico em oposição aos fundamentos coloniais, uma vez que “enfrentar a tempestade moderna implica escritas do mundo que conservem sua pluralidade constitutiva, uma literatura com narrativas-florestas em que todos encontrem uma árvore sob a qual se abrigar”. Para o autor, os cientistas tornam-se os verdadeiros atores políticos nesse contexto, tentando penetrar nas arenas decisórias e somar nas resoluções a serem seguidas.

Ao ensaiar aproximações e contatos entre a comunicação, a decolonialidade e a possibilidade de *fazer-mundo*, a crítica de Malcom Ferdinand nos incentiva a encontros-ruptura, que garantam a exis-

tência de futuro com emancipação, liberdade e dignidade. *Fazer-mundo* significa não exclusão, não exploração e reparação. Passaríamos a assimilar práticas de *comunicar com, narrar com, imaginar com*. As ressemantizações parecem inevitáveis, uma vez que se posiciona de forma contundente, em nosso horizonte de práticas, a necessidade de adotar formas de reparação, de transição e de refundação das bases de nossos discursos, considerando o atravessamento da ecologia e da justiça. Ter o mundo como horizonte da ecologia

permite encarar de outro modo as distintas lutas no interior das palavras. Assim, é preciso sublinhar que um narrar ecológico e decolonial significa experenciar criativa e colaborativamente as ecossociabilidades humanas e não humanas, no desenvolvimento de uma sensibilidade e de um reconhecimento atento das interconexões. O senso de conexão, portanto, é a raiz de uma inteligência narrativa aberta ao nosso tempo e suas urgências, um convite inescapável para a Comunicação.

Referências bibliográficas

- BELMONTE, Valeria. Comunicación, posdesarrollo y decolonialidad. Debates urgentes en escenario de crisis civilizacional. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 152, p. 55-58, 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8962310.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.
- BERNI, Felipe Collar; MALDONADO, Alberto Efendi . POR UM GIRO DECOLONIAL NOS ESTUDOS DE MÍDIA E DEFICIÊNCIA. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/por-um-giro-decolonial-nos-estudos-de-midia-e-deficiencia?lang=pt-br> Acesso em: 29 out. 2024.
- BONITO, Marco Antonio. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil**. 2015. Tese (doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Ciências Comunicação – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4834>. Acesso em: 9 jan. 2023.
- BRIDLE, James. **Maneiras de ser**: animais, plantas, máquinas – a busca por uma inteligência planetária. São Paulo: Todavia, 2023.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- CASTRO LARA, Eloína. Comunicación-decolonialidad: emergencia de un pensamiento comunicacional otro. SUZINA, Ana Cristina; VEGA-CASANOVA, Jair (Org.). **La comunicación popular en Nuestra América**: visiones y horizontes. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, 2024. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/la-comunicacion/21279.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Verônica. Contribuições dos estudos decoloniais para pesquisa e prática do jornalismo. In: SARDINHA, Antonio; LIMA, Verônica; CASTRO LARA, Eloína; BELMONTE, Valeria. **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Amapá, 2022. p. 70-90. Disponível em: <<https://observatoriodh.com.br/?p=4495>>. Acesso em: 10 out. 2024.

LIMA, Verônica. Abrindo caminhos e tempos: encruzilhada como princípio para uma comunicação decolonizante. In: CASTRO LARA, Eloína; TORRICO VILLANUEVA, Erick Roldano; CEBRELLI, Alejandra. **Pensares y haceres para una comunicación decolonial**. 1. ed. [S. l.]: Ciespal, 2023. Acesso em: 22 out. 2024.

MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. **Anais do XX da Compós**. Porto Alegre, [s. l.], n. UFRGS/COMPÓS, 2011. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/a-construcao-da-cidadania-cientifica-como-premissa-de-transformacao-sociocultura?lang=pt-br#>>. Acesso em: 22 out. 2024.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodología, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, [s. l.], v. 0, n. 34, p. 713, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58439>>. Acesso em: 1 jul. 2024.

MATA, María Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Fronteiras – estudos midiáticos**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 5–15, 2006. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6113>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

TEIXEIRA, Thays Helena Silva. **Metodología da resistência: perspectivas para uma racionalidade da práxis em cidadania comunicativa**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Midia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27083>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

TORRICO, Erick. La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n. 28, 2018. Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/download/472/475>>. Acesso em: 30 out. 2024.

TORRICO, Erick. **Comunicación (re)humanizadora**: Ruta decolonial. Quito, Ecuador: Ediciones Ciespal, 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/46aj98R>>. Acesso em: 10 out. 2024.

 Data do recebimento: 06/12/2024

Data do aceite: 20/02/2025

Dados dos autores:

Reges Schwaab

Professor Associado no Departamento de Ciências da Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Anna Júlia Carlos da Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Micael dos Santos Olegário

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).